R. Italianística, ano IV, n. 4, p.111-119, 1996

ROMA, 16 DE OUTUBRO DE 1943

Mariarosaria Fabris*

Resumo: Relato de dois autores sobre a razia nazista no gueto de Roma em 1943.

Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial, nazismo, holocausto, campo de concentração, Auschwitz

A seqüência de *Roma, Cidade Aberta* (1944-45), de Roberto Rossellini, em que Pina, uma mulher do povo, interpretada por Anna Magnani, na vã tentativa de salvar seu homem, capturado numa blitz pelos alemães, se desvencilha dos soldados e corre atrás do caminhão dos deportados até ser ceifada pelos tiros de uma metralhadora, simboliza a revolta da população romana contra o jugo nazi-fascista.

A guerra, a luta pela libertação do país do domínio dos ex-aliados, o espírito de solidariedade que animou o povo italiano foram temas que alimentaram por décadas o cinema e a literatura italiana, principalmente aquelas obras identificáveis com o neo-realismo.

No imediato pós-guerra, foi vasta a memorialística sobre os acontecimentos do período bélico; no entanto, um dos fatos mais estarrecedores daqueles anos – a questão judaica – foi praticamente esquecido, se excetuarmos algumas obras como *16 Ottobre 1943* (1944), de Giacomo Debenedetti, ou *Se questo è un Uomo* (1947), de Primo Levi.

No cinema, o silêncio foi maior: será necessário esperar a década de 60 para ver surgir um filme como *Kapó* (1960), de Gillo Pontecorvo – que focaliza o processo de degradação da humanidade num campo de concentração nazista –, ou um pouco mais tarde, quando, por exemplo, Vittorio De Sica transpõe para a tela, com o mesmo título, o romance que Giorgio Bassani havia publicado em 1962,

* Professora de Língua Italiana junto ao Departamento de Letras Modernas da FFLCH-USP.

O jardim dos Finzi-Contini (1970), ou quando, em *Massacre em Roma* (1973), de George Pan Cosmatos, é feita uma rápida referência à presença de 75 judeus entre os 335 italianos condenados à morte pelos nazistas. A chacina foi em represália ao atentado ocorrido na Rua Rasella, em Roma, a 23 de março de 1944, em que morreram 33 alemães, e ficou conhecida como o Massacre das Fossas Ardeatinas. Como declarou Herbert Kappler, comandante da Gestapo em Roma: "Era melhor incluir os judeus do que os italianos, cuja culpa era mais difícil de ser provada...", atestando que, para os nazistas, o simples fato de ser judeu já era um crime[1].

Apesar de toda a iniqüidade, em relação aos judeus de Roma esse fato torna-se secundário diante de outro acontecido, cinco meses antes, mais precisamente em 16 de outubro de 1943: a razia que as SS levaram a cabo no ex-gueto e em outros bairros da capital, com a anuência das autoridades italianas e o silêncio do Vaticano.

O trágico episódio é rememorado por Giacomo Debenedetti, na primeira parte do livro supracitado (a segunda, "*Otto ebrei*", focaliza um dos algozes das Fossas Ardeatinas) e, quase meio século depois, por Fausto Coen em *16 Ottobre 1943: la Grande Razzia degli Ebrei di Roma* (1993). A obra de Debenedetti foi publicada antes pelas revistas *Mercurio*, de Roma, em dezembro de 1944 num número sobre a Resistência, e *Libera Stampa*, de Lugano, depois em livro (1945). Em 1947, foi traduzida ao francês para *Temps Modernes*; em 1955 integrou um fascículo da revista *Galleria* dedicado ao 10º aniversário da Libertação, e em 1961 foi novamente publicada em livro. Em 1978, deve ter sido reeditada, tendo em vista a resenha de Natalia Ginzburg para o jornal *La Stampa*, de Turim, datada de 14 de fevereiro, que foi incorporada, junto com o prefácio de Alberto Moravia, à última edição de 1993[2].

As várias publicações, entretanto, não salvaram a obra de Debenedetti do esquecimento da crítica, uma vez que entre os testemunhos sobre a guerra só é lembrada por Salvatore Guglielmino, em *Guida al Novecento*[3]. Isso talvez se deva ao fato de o autor não ser um escritor, um ficcionista, mas um crítico literário, um dos que com maior acuidade se debruçaram sobre o século XX. O próprio Debenedetti "desconhece" a paternidade do texto, ao atribui-lo a um anônimo romano: "Eu sou um crítico, este é o meu único ofício literário. *16 Ottobre* foi escrito por quem viveu isso diretamente"[4] Ele também, no entanto, viveu

---

1 Apud COEN, Fausto. *16 Ottobre 1943: la Grande Razzia degli Ebrei di Roma.* Firenze: Editrice La Giuntina, 1993, p. 127-128.

2 Cf. "*Nota all'Edizione del 1961*", In: DEBENEDETTI, Giacomo. *16 Ottobre 1943.* Palermo: Sellerio, p. 19.

3 GUGLIELMINO, Salvatore. *Guida al Novecento.* Milano: Principato, 1983, p. 311/I.

4 Apud "*Nota all'Edizione del 1961*", op. cit., p. 19.

diretamente aquele período, ele e milhares de outros, o que explica a pluralidade de vozes, a coralidade, que caracteriza sua narrativa.

Redigido ainda sob o impacto dos acontecimentos (novembro de 1944), antes que da memória se pudesse apagar qualquer vestígio, num estilo que Natalia Ginzburg não hesitou em definir "transparente como o vidro", pois nele "parece que [...] a própria realidade esteja falando"[5] , o livro de Giacomo Debenedetti é mais conciso que o do jornalista Fausto Coen, o qual recolhe vários testemunhos para fornecer mais elementos do que seu antecessor, numa escrita, porém, menos literária e mais documental.

Se, pelo maior rigor na coleta de dados, por um certo distanciamento na narração dos fatos, Fausto Coen está mais afinado com a linguagem de Claude Lanzmann no filme *Shoah* (1984), Giacomo Debenedetti, com sua obra escrita no calor da hora, tem um estilo muito próximo daquele adotado por Roberto Rossellini em *Roma, Cidade Aberta*, pois ambos estão preocupados em recuperar até mesmo as emoções dos acontecimentos relatados. O carinho com que Debenedetti se detém naquele povo miúdo do antigo gueto – numa narração que lembra aquela afetuosa de Vasco Pratolini em *História de Pobres Amantes* (1946), quando este, ao retratar os moradores de Via del Corno, em Florença, o fazia com o sentimento de quem pertencia àquela comunidade –, a indignação que transparece em vários momentos do relato, a piedade que o permeia, a atônita impotência diante dos abusos a que os seres humanos são submetidos na guerra, tudo isso empresta às páginas de *16 Ottobre 1943* um inegável valor literário.

Passemos aos fatos focalizados pelas duas obras.

No dia 15 de outubro de 1943, à noitinha, Celeste, uma senhora judia que morava no bairro de Trastevere e trabalhava como empregada doméstica, chega no ex-gueto com a notícia de que existe uma lista com o nome de 200 chefes-de-família judeus, a serem deportados pelos nazistas junto com seus familiares. Numa sexta-feira, todos estavam preocupados com as rezas e os preparativos para o sabá, por isso não lhe deram ouvidos.

Era quase meia-noite quando pelas ruelas do bairro ressoam os primeiros tiros; depois os disparos se tornam cada vez mais intensos, acompanhados por gritos de soldados, e só cessam de madrugada, lá pelas três ou quatro horas. Tiroteio injustificado, inexplicável, que tira o sono dos moradores ao redor do *Portico d'Ottavia*, que leva muitos a procurarem os vizinhos nos pequenos prédios.

Por volta das quatro da manhã, uns cem integrantes das SS começam a bloquear as ruas de acesso ao ex-gueto. A *Judenoperation* começava em silêncio, tanto que uma moça chamada Letizia, uma das primeiras testemunhas, só uma hora depois, ao ouvir os passos cadenciados dos soldados, dá o alarme: "*Oh Dio*,

5 GINZBURG, Natalia. "Nota", In: DEBENEDETTI, Giacomo. op. cit., p. 99.

i mamonni!" ("Meu Deus, os guardas", traduzindo da fala judaico-romana)[6]. Às cinco e trinta, o dono de um pequeno bar na *Piazza Giudia*, ariano, ao abrir seu estabelecimento já encontra os soldados dispostos em duas fileiras ao longo das calçadas. E começa a busca sistemática de casa em casa. Como num primeiro momento acreditou-se que os alemães só estivessem atrás dos homens mobilizados para prestarem serviços, isso acabou sendo fatal para muitas famílias que perceberam tarde demais que todos estavam sendo levados embora: homens, mulheres, crianças, velhos, enfermos... Dessa forma, poucos conseguem escapar. Num primeiro momento, a rua é a salvação, pois os alemães não paravam os transeuntes, mas depois, qualquer pessoa que carregasse todo tipo de embrulho ou bagagem também começa a ser parada. Entre treze e catorze horas, a razia está encerrada.

O epicentro da *Judenoperation* foi o antigo bairro judeu de Roma, mas os 365 homens que participaram da operação (dos quais 9 oficiais e 30 oficiais subalternos) se espalharam também nas outras 26 zonas em que a cidade fora dividida.

Alguns judeus são ajudados por *goyem* (vizinhos, amigos ou desconhecidos) ou se refugiam em conventos ou institutos religiosos, outros escapam por um "descuido" de algum nazista, que a crendice popular logo transformava em austríaco, mas, dos que se salvaram da blitz, muitos foram presos nos meses sucessivos pelos alemães e pelos fascistas, sobretudo depois de fevereiro de 1944, mandados para os campos de concentração de Verona ou Modena (Fossoli di Carpi), e no mês de abril deportados para a Alemanha, quando não morreram nas Fossas Ardeatinas (24 de março de 1944).

Terminada a operação, 1.259 pessoas haviam sido presas: 363 homens, 689 mulheres, 207 crianças. Destes, 237 seriam posteriormente libertados, a saber, um casal misto e seus filhos (provavelmente para não criar problemas com a igreja católica), serviçais e outros arianos que viviam em casa de judeus. Dessa forma, o total se reduziu a 1.022 pessoas, um número bem inferior ao desejado.

Os presos são carregados em caminhões abertos, cobertos com lonas, e levados para o Colégio Militar. Como as SS que participavam da blitz eram de uma divisão especial, que havia chegado expressamente do Norte da Itália na noite anterior, ao transportar os prisioneiros, muitos aproveitaram para visitar a cidade, quase todos demorando-se mais na Praça de São Pedro, para apreciar o Vaticano. Durante a parada, os judeus invocam o Papa, sua última esperança.

O pequeno intervalo entre os vários carregamentos, efetuados pelos mesmos caminhões, levou muitos judeus do ex-gueto a pensar que não sairiam de Roma, que só iriam para campos de trabalho. Isso vinha reforçar a impressão tida ao receber um folheto bilíngüe com instruções durante a razia: podiam levar

6 Apud DEBENEDETTI, 40.

alimentos para oito dias, documentos, copos, uma pequena mala com objetos pessoais e roupa íntima, cobertores, dinheiro e jóias, deviam trancar as portas de casa e levar a chave consigo. Tudo isso em vinte minutos. Se tivessem atentado para o fato de que também os doentes, mesmo os mais graves, tinham que ir para o campo, talvez teriam entendido desde o começo qual era o destino que os aguardava.

No Colégio Militar, com todas as janelas barradas, os homens são separados das mulheres e crianças. Parentes, disfarçados de amigos arianos, levam aos presos alimentos e mensagens, mas não se sabe se estes efetivamente chegaram a seus destinatários. A confiança num destino não tão trágico era tamanha, que, por exemplo, por uma das portas que não havia sido bem trancada, um judeu sai para comprar cigarros e volta, e ninguém pensa em fugir por lá.

Passados o sábado e o domingo no Colégio Militar, na segunda-feira, de madrugada, os judeus são levados para a estação Roma Tiburtina e embarcados num trem para transporte de gado. São dezoito vagões, com 50 ou 60 pessoas em cada um, hermeticamente fechados, nos quais a espera se prolonga por seis horas. Às treze e trinta o trem é confiado ao maquinista Quirino Zazza e, às catorze e cinco, inicia-se a longa jornada.

O trem passa por Florença, Bolonha, Ferrara, Pádua, percorre o vale do rio Inn, a Boêmia, a Moravia, rumo a Auschwitz-Birkenau, onde chega numa sexta-feira, 22 de outubro, às vinte e três horas. Só no dia seguinte, de madrugada, os vagões foram abertos. Ao descerem do trem, as pessoas queriam procurar seus familiares, amigos ou conhecidos, mas foram impedidos. Logo chega o doutor Josef Mengele que começa a selecionar os presos: à sua direita, crianças, velhos, enfermos, os que parecem fracos e doentes, ao todo umas quinhentas pessoas; à sua esquerda, homens e mulheres aptos para o trabalho. Os primeiros seriam transferidos para os "campos de permanência", a cerca de dez quilômetros, em caminhões; os demais seguiriam a pé. Os aptos ao trabalho que estivessem cansados e quisessem se servir dos caminhões podiam fazê-lo. Dessa forma, mais duzentos homens e cinqüenta mulheres engrossam o primeiro grupo. Muitos o fazem para se juntar a seus familiares. A viagem é breve, em poucos minutos os caminhões percorrem a distância que separa a estação das câmaras de gás (menos de um quilômetro). Todos são eliminados imediatamente. Era o ano 5703 do calendário judaico.

Os 183 sobreviventes – 18% dos que chegaram – são levados para o "campo de quarentena": em seguida, a maior parte dos homens vai trabalhar na extração de carvão em Javorzsno, enquanto quarenta e um são enviados para o gueto de Varsóvia, para acabar de demoli-lo e recuperar o material aproveitável. Das cinqüenta mulheres, só uma sobreviveu: Settimia Spizzichino, que, ao ser libertada em 1945, tinha vinte e quatro anos e pesava trinta quilos. Dos homens, catorze,

onze de Javorzsno e três de Varsóvia: Michele Amati (19 anos), Lazzaro Anticoli (33 anos), Enzo Camerino (17 anos), Luciano Camerino (19 anos), Cesare Di Segni (46 anos), Lello Di Segni (19 anos), Angelo Efrati (21 anos), Cesare Efrati (18 anos), Sabatino Finzi (18 anos), Mario Piperno (29 anos), Leone Sabatello (18 anos), Angelo Sermoneta (32 anos), Isacco Sermoneta (33 anos), Arminio Wachsberger (32 anos).

Voltemos, porém, à noite de 15 de outubro, para tentar entender por que os moradores do antigo gueto de Roma não deram ouvidos às palavras de Celeste. Provavelmente o que os confundiu foi o número de chefes-de-família a serem deportados, duzentos, o mesmo dos reféns que os alemães haviam ameaçado eliminar no mês anterior.

Vamos recapitular esse episódio também. No dia 26 de setembro, Dante Almansi, Presidente da União das Comunidades Israelitas Italianas, e Ugo Foá, Presidente da Comunidade Israelita de Roma, são convocados para um colóquio com o Tenente-coronel Herbert Kappler, que lhes expõe o seguinte: tinham trinta e seis horas de prazo para lhe entregar cinqüenta quilos de ouro, necessários para financiar a indústria bélica na Alemanha, caso contrário seriam feitos duzentos reféns judeus. A entrega, fixada para as doze horas do dia 28, é adiada posteriormente para as dezesseis horas do mesmo dia.

Foram momentos dramáticos, em que cada membro da comunidade – rico ou pobre – foi levar sua contribuição. Assim que a notícia se espalha, muitos *goyem* também vêm oferecer sua ajuda, inclusive padres. Além disso, o Vaticano se dispõe a cobrir, sob forma de empréstimo, o que faltar. Não foi necessário, pois sobram trinta quilos, que, no pós-guerra, são doados ao recém-fundado Estado de Israel.

Além desse, houve outros acontecimentos que deveriam ter levado os judeus a desconfiar, dentre os quais:

a invasão dos escritórios da comunidade, que ficavam ao lado do Templo Maior, no dia 29 de setembro, ou seja, menos de vinte e quatro horas depois da extorsão do ouro. Entre outras coisas, os alemães levam a lista dos contribuintes da comunidade, que continha dados pessoais e endereços. Nos dias 30 de setembro e 1° de outubro, as bibliotecas da Comunidade e do Colégio Rabínico, que ficavam no mesmo local, são examinadas por dois oficiais das SS, especialistas em língua hebraica. Em 14 de outubro, os livros, os manuscritos e demais documentos, daquelas que eram consideradas duas das bibliotecas hebraicas mais antigas e completas da Europa, são transferidos para Munique;

a prisão, no dia 9 de outubro, de um grupo de judeus em Roma. A comunidade não se preocupa, porque eram todos antifascistas, portanto, supõe-se que o motivo da prisão seja político e não racial;

o aumento do número de alemães, oficiais e soldados, entre os clientes do pequeno comércio ao redor de *Piazza Giudia*, o que não alarma os lojistas judeus, que vêem seus parcos lucros aumentarem.

O fato é que não suspeitaram, talvez porque, como lembra Giacomo Debenedetti, ao contrário do que se acredita, os judeus desconfiam das pequenas coisas, mas são crédulos e ingênuos no que diz respeito às grandes coisas. E, citando Fausto Coen, poderíamos acrescentar que se deixaram enganar pela "coleta" do ouro, ao confiarem na palavra dos alemães[7].

Devemos lembrar também que até lá não havia informes precisos sobre os campos de extermínio e que as notícias que a Rádio Londres começava a veicular a respeito disso eram tidas como armas de propaganda antinazista. Os próprios judeus deportados de Roma para Auschwitz-Birkenau não sabiam de sua existência. O escritor Primo Levi, que chega nesse campo de concentração quatro meses depois, ao ler a palavra "Auschwitz" escrita com giz no trem de carga em que estava sendo embarcado, pensou que se tratava da "Austerlitz" de napoleônica memória, cujo nome havia sido mal grafado[8].

Além disso, a extorsão do ouro e o saque dos escritórios da comunidade e das bibliotecas, como sublinha Fausto Coen, foram vistos mais como atos de prepotência contra coisas e não contra pessoas[9].

Outros fatores que pareciam importantes eram a suposta proteção do Papa e a integração dos judeus na cultura e na vida italiana. De fato, quando os judeus romanos chegam em Auschwitz, os alemães estranham que só falem italiano e que, portanto, não consigam comunicar com os demais em iídiche.

Apesar de um certo anti-semitismo católico, praticamente desde a unificação da Itália, os judeus eram cidadãos italianos de fato e de direito. Quanto às próprias leis raciais, introduzidas em 1938, se acreditava que não levariam à crueldade física.

Aliás, até poucos anos atrás, foi voz corrente que a Itália, junto com a Dinamarca, havia sido o país em que menos houve perseguições contra os judeus. De fato, o povo italiano foi muito solidário com eles durante o domínio alemão e, dos 45.000 judeus residentes na Itália, foram 6.800 os que morreram, portanto 85% se salvaram.

Esse mito, no entanto, começa a ser derrubado. A exposição *La menzogna della razza. Documenti e immagini del razzismo e dell'antisemitismo fascisti*, realizada em Bolonha de 27 de outubro a 10 de dezembro de 1994, e a anterior descoberta de 2.600 dossiês, extraviados no fim da guerra e reencontrados na última semana de dezembro de 1993, trouxeram à luz uma série de dados antes não elucidados devidamente.

Os dossiês encontrados fazem parte do lote de 30.000 que devia constituir o arquivo da *Demorazza (Direzione Generale Demografia e Razza* = Direção Geral

7 Cf. Ibid., p. 23; COEN, p. 53-54.
8 Cf. Ibid., p. 101.
9 Cf. Ibid., p. 54.

da Demografia e da Raça), um setor do Ministério do Interior, criado em julho de 1938, com o objetivo de fichar, "discriminar" e perseguir judeus e estrangeiros residentes na Itália, a fim de "assegurar o substrato físico e mental da Nação", como dizia Giovanni Preziosi, um anti-semita ferrenho, que, mais tarde, na República Social Italiana, fundada por Mussolini, se tornará "inspetor da raça".

A *Demorazza* recenseou, em 1943, 9.146 judeus a serem enviados aos três ou quatro campos de concentração, que estavam sendo planejados, para trabalhos forçados: por isso, o mais provável é que os nomes dos moradores do ex-gueto de Roma tenham saído de seus arquivos e não das listas apreendidas nos escritórios da comunidade.

Entre as tarefas da *Demorazza* estava a de estabelecer complicadas árvores genealógicas para comprovar ou não a porcentagem de sangue judeu dos que se declaravam de raça ariana. Como escrevia Primo Levi, a vida das pessoas dependia da decisão de um funcionário: "morre-se por um sim ou por um não"[10]. No prefácio do livro de Giacomo Debenedetti, Alberto Moravia dá bem uma idéia de como a questão da raça começa a pesar na vida de muitos italianos:

> *"Em 1938, o absurdo, sempre presente nas ditaduras, entrou decididamente na minha vida com as, assim chamadas, leis para a defesa da raça. Meu pai era judeu; minha mãe, que se chamava de Marsanich, não o era; nós, os filhos, éramos batizados. O absurdo então assumiu o nome de 'discriminação'. Éramos, como filhos de pai 'judeu' e mãe 'ariana' e, além disso, batizados, 'discriminados', ou seja, absolvidos, de certa forma, por insuficiência de provas, do crime de lesa raça que havíamos cometido ao nascer. [...] Sempre por causa do absurdo, minha mãe começou a tratar da papelada a fim de mudarmos nosso nome judaico [Pincherle] para outro ariano [Moravia], precisamente o de minha avó materna. Diante de minhas objeções, minha mãe, com bom senso, respondia que, em tais circunstâncias, um nome valia o outro. De fato, finalmente discriminado, mas assim mesmo suspeito, foi-me proibido assinar nos jornais com meu nome. Escolhi, então, o transparente pseudônimo de Pseudo. Tudo isso para dizer que, naqueles anos, por motivos todos ligados ao fascismo, minha identidade se tornava cada dia mais incerta, mais problemática, mais efêmera"*[11].

Entre 1938 e 1943, portanto, a perseguição racial foi incessante e, se Mussolini não tivesse sido deposto em 25 de julho de 1943, talvez na própria Itália o anti-semitismo teria revelado sua face mais cruel. E, voltando, ao fatídico dia 16 de outubro, só a colaboração das autoridades italianas podia levar os alemães

---

10 Apud AROSIO, Enrico. "*Loro schedavano, Hitler provvedeva*" *L'Espresso*. Roma, XL(1): 66, 7 gen. 1994.

11 Apud DENEDETTI, p. 9-10.

a terem sucesso na *Judenoperation*. Efetivamente, não só em Roma, mas em toda a Itália, a polícia sempre prestou aos nazistas seu apoio na deportação de judeus.

Outro fato que chama a atenção quanto à razia de Roma é o silêncio da imprensa. O *Osservatore Romano*, órgão do Vaticano, só nove dias mais tarde (25/26 de outubro) fala do "eco das desgraças" que chega até Sua Santidade e de seus esforços para aliviar os sofrimentos de quem quer que seja, independente de nacionalidade, religião ou raça[12]. O papa Pio XII não se manifestará publicamente contra as razias e o motivo mais provável é que, para ele, o nazismo não representava uma ameaça tão terrível quanto o bolchevismo, verdadeiro inimigo da Igreja Católica. Só o jornal *L'Italia Libera, do Partito d'Azione* (constituído por intelectuais liberais), se manifestará prontamente, no dia seguinte, sobre a deportação dos judeus de Roma:

> *"... Os alemães gostariam de nos convencer que essas pessoas são estranhas para nós, são de outra raça. Mas nós os sentimos como nossa carne e nosso sangue; desde sempre, conosco viveram, lutaram, sofreram... Não há coração que não estremeça ao pensar no destino deles... Mas os soldados que executaram uma tarefa tão desumana com impassível frieza, sem um tremor, sem um lampejo de misericórdia nos olhos, eles também têm suas famílias distantes: mães, esposas, filhos, irmãs... O nosso não é mais ódio, é horror..."*[13].

Não como judeus, mas como italianos é que eles são lamentados, como irmãos, como filhos de uma única nação. Por isso gostaríamos, mais uma vez, de lembrar do gesto de Pina em *Roma, Cidade Aberta* ao se desvencilhar dos nazistas, e de vê-lo surgir como símbolo de resistência e de luta de todo o povo italiano, independente de classe social ou de credo, contra a barbárie.

Abstract: The nazi razzia into the ghetto of Rome in 1943 reported by two authors.

Keywords: Second Word War, nazism, holocaust, concentration camp, Auschwitz

12 Cf. COEN, p. 110.
13 Apud Ibid., p. 131.